

API

AÇÕES, PRESSÕES E IMPRESSÕES

Residências Artísticas no Museu do Trabalho

Maristela Salvatori

organizadora



O projeto Ações, pressões e impressões: Residências Artísticas no Museu do Trabalho buscou fomentar experimentações poéticas e pensamento crítico. Idealizado no escopo de um projeto desenvolvido em Iniciação Científica (IC) e formatado como atividade de extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), contou com o entusiasmo e apoio de uma rede de profissionais extremamente qualificados, com apoio do Museu do Trabalho e, no âmbito da UFRGS, com apoio do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes e da Pró-reitoria de Extensão, aos quais agradecemos imensamente.

Após uma chamada pública foram selecionados os portfólios de seis artistas entre as dezenas de inscritos convocados para imersões em técnicas de impressão para produção de livros de artista de pequena tiragem.

O júri composto por Alicia Valente, da Facultad de Artes da Universidad Nacional de La Plata, Argentina, Márcia Sousa, do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria, e Paula Ramos, do Instituto de Artes da UFRGS, selecionou os artistas Aline Moraes, Bruno de Andrade, Elaine Stankiwich, Karen Axelrud, Luana Alt e Luiza Reginatto para desenvolverem seus projetos de forma autônoma nos ateliês de gravura do Museu do Trabalho.

Agrupados dois a dois, os artistas tiveram à disposição as oficinas de gravura do Museu do Trabalho durante dois meses e contaram com o acompanhamento crítico dos pesquisadores Camila Schenkel, Daniela Kern e Eduardo Veras, do Instituto de Artes da UFRGS, cada um dedicado a uma das duplas. Os artistas ainda puderam contar com apoio técnico de Paulinho Chimendes, responsável pelo ateliê de Litografia, e de Sara Winckelmann, bolsista de IC da UFRGS, ministrante de cursos de Xilogravura no Museu do Trabalho.

Ao longo das Residências promoveram-se encontros com os pesquisadores Paulo Silveira e Helena Kanaan, do Instituto de Artes da UFRGS, e Alice Porto, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e o projeto deve ser encerrado com exposição homônima, sob curadoria de Camila Schenkel, Daniela Kern, Eduardo Veras e Sara Winckelmann, apresentando as publicações decorrentes e processos de trabalho dos artistas.

Maristela Salvatori
Sara Winckelmann
Coordenadoras















ARTISTAS RESIDENTES



ALINE MORAES

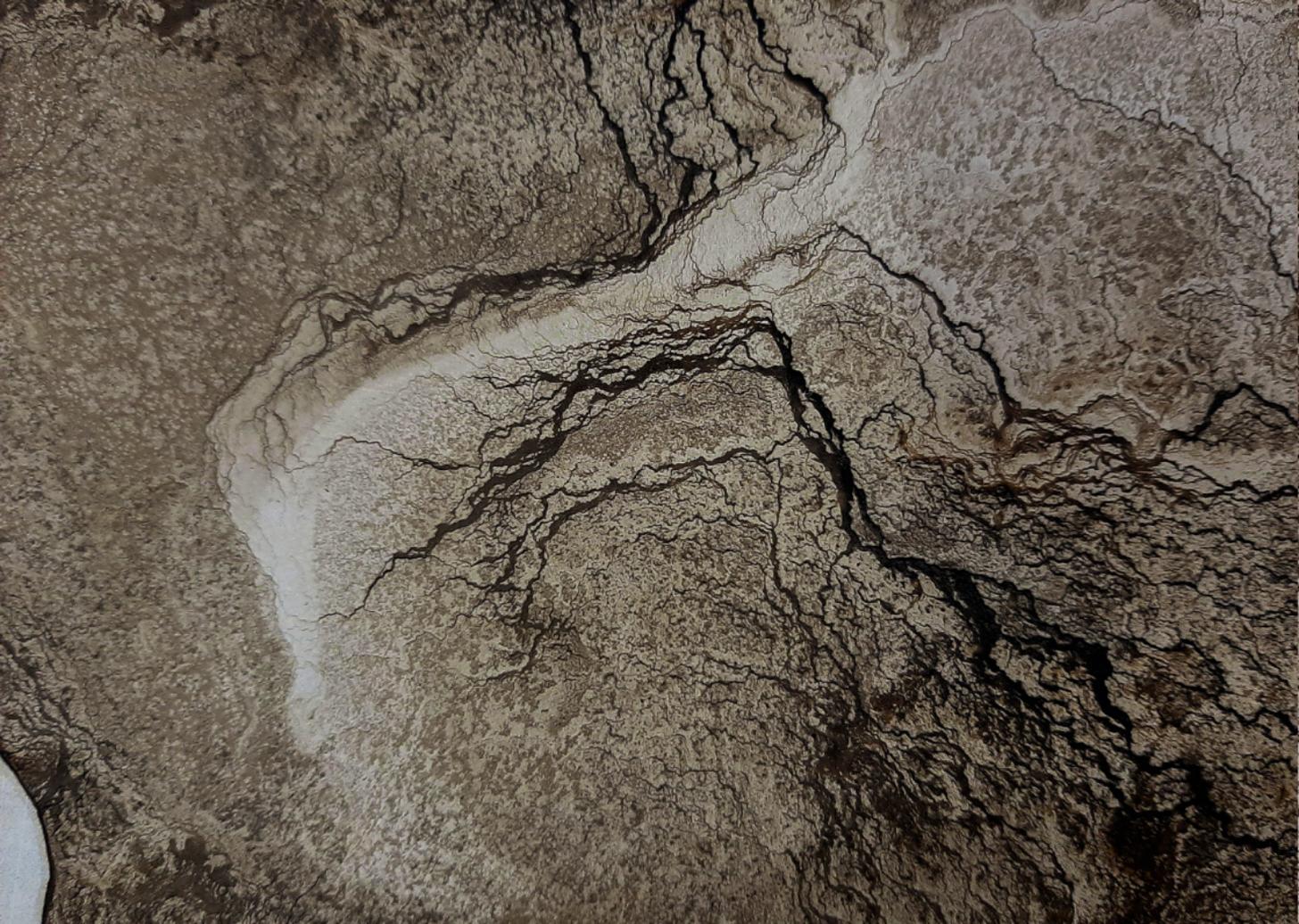
Mestranda em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Artes Visuais com Ênfase em Computação pela Universidade Tuiuti do Paraná e Especialização em Artes Híbridas pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Desde 2014 trabalha com litografia no Museu da Gravura Cidade de Curitiba — Solar do Barão. Entre diversos projetos, participou da exposição coletiva do Projeto Arte Sesc, no Sesc Estação Saudade (Ponta Grossa, 2021), da residência artística Steindruck München — Lithografiewerkstatt des Münchner Künstlerhauses (Munique, Alemanha, 2020) e do III Concurso de Arte Impressa, no Goethe-Institut Porto Alegre (Porto Alegre, 2018).

A pedra é minha matriz. Os processos litográficos são um meio que utilizo para a construção de imagens, escolho pedras que carregam marcas, pedras que na sua formação geológica transportam algum detalhe que poderá interferir na imagem impressa.

Neste ensaio visual, utilizo a fotografia para capturar fragmentos da imagem sendo formada, depósito em uma única ação o tusche na superfície da pedra, perdendo o controle sobre o que irá surgir, a imagem se transforma a cada etapa do processo. Ao usar pela primeira vez areia para granitar a pedra, encontro uma reação inesperada dos materiais, um terreno líquido se abre a partir dos grãos da pedra, exploro a relação entre a água e a gordura, um processo mágico dos efeitos do tempo.











BRUNO DE ANDRADE

Atua como professor e artista visual. É graduando em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Sua produção artística se desenvolve principalmente por meio de xilogravuras que são marcadas por um olhar atento ao cotidiano com uma tendência autobiográfica. Desde de 2015, participou de diversas exposições coletivas, tanto com gravuras e vídeos, como o 7º Salão de Arte 10x10 da Fundarte da cidade de Montenegro RS 2019, Salão 9º Ibema de Gravura de Curitiba em 2019, MIP4 – Mostra Internacional de Performance em Belo Horizonte/MG, 2021 e 14ª edição do Festival de C4nn3\$ edição Rachadura, que aconteceu em Porto Alegre/RS, em 2022, entre outras.

Pensando no movimento que precisa ser feito quando diminuimos uma imagem para caber em um determinado livro – quase sempre padrão A5 ou A4 – produzi um livro em grande formato em que coube, a sua maneira, sem diminuir o tamanho, impressões de uma série de autorretratos em xilogravuras. Cada matriz foi construída tendo como base partes do corpo, criando um livro-corpo-gordo. Com páginas que, ao serem abertas, revelam essa figura grande, agora acomodada. A série é chamada Gravura XXL, fazendo referência ao tamanho de roupa que uso, já que sou gordo. Um corpo autorretrato, gordo, para um livro grande o bastante que o caiba. Sem ter que perder potência ao diminuirmos o tamanho das imagens para caber em um livro tradicional. Me interessou pensar em um suporte que dê conta de uma imagem para a qual por diversas vezes falta espaço; e assim questionar quais movimentos, quais recusas e quais formalidades geram essa falta.











ELAINE STANKIWICH

Artista visual e pesquisadora. Vive em Porto Alegre. Bacharel em Gravura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná — Unespar. Mestranda em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Participa do grupo de pesquisa Expressões do múltiplo: Imagens e meios reprodutivos de criação — UFRGS. Sua pesquisa apresenta uma poética de paisagens, entre camadas e sobreposições. O percurso é permeado por narrativas que se apresentam como gravura, filmes em película e escritos. Exposições coletivas: 2ª Bienal Caixa Cultural de Novos artistas, 2017 — 2018, itinerante Brasil; Sopro, Espaço Cultural BRDE Curitiba, 2017; A presença da paisagem, Museu da Gravura Curitiba, 2016; entre outras.

Sobre amassar papéis: este primeiro gesto veio com espanto, e por repetidas vezes refiz o plano em dobras. O processo trouxe a textura e os volumes, imprimiu veios e caminhos, demarcou um vestígio — fenda. A cada monotipia, uma cópia distinta, um veio informe. A presença dos volumes e fissuras aproxima de uma topografia; uma paisagem topos, de eixo horizontal, e que por vezes apresenta-se em sua verticalidade. Encontro um lugar, uma pedra que dobra-se sobre a superfície do papel. Refiz sobreposições, propus camadas, desdobrei as narrativas de um percurso. Imprimo papéis, e para além deste fazer tem-se o outro lado da superfície, olhar o reverso e escutar transparências.

transportar camadas e peles.





uma paisagem dobra, encontrar a outra ponta.





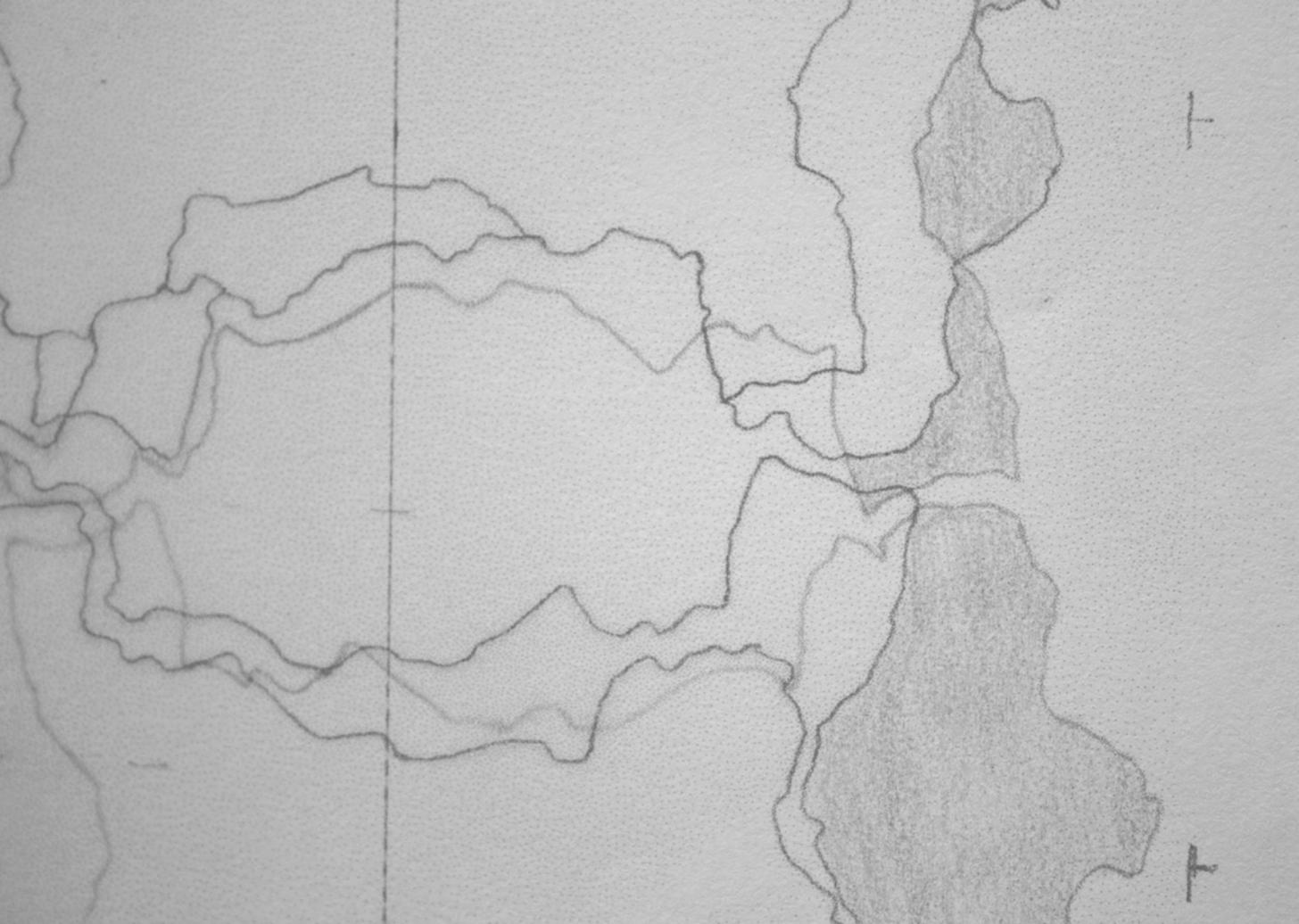
KAREN AXELRUD

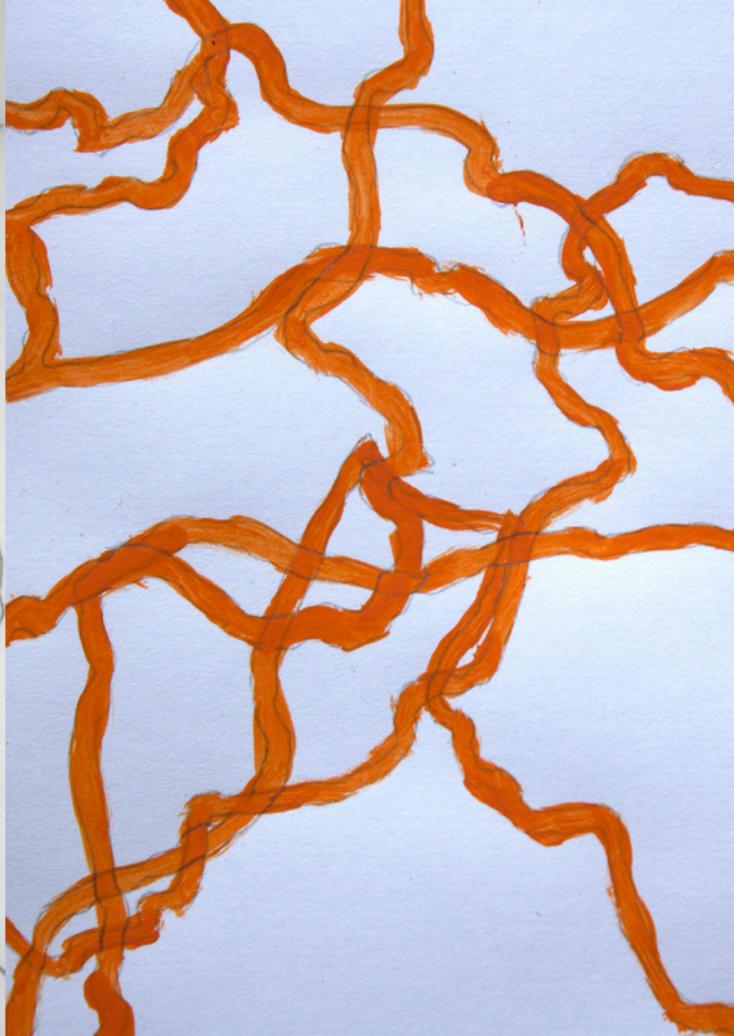
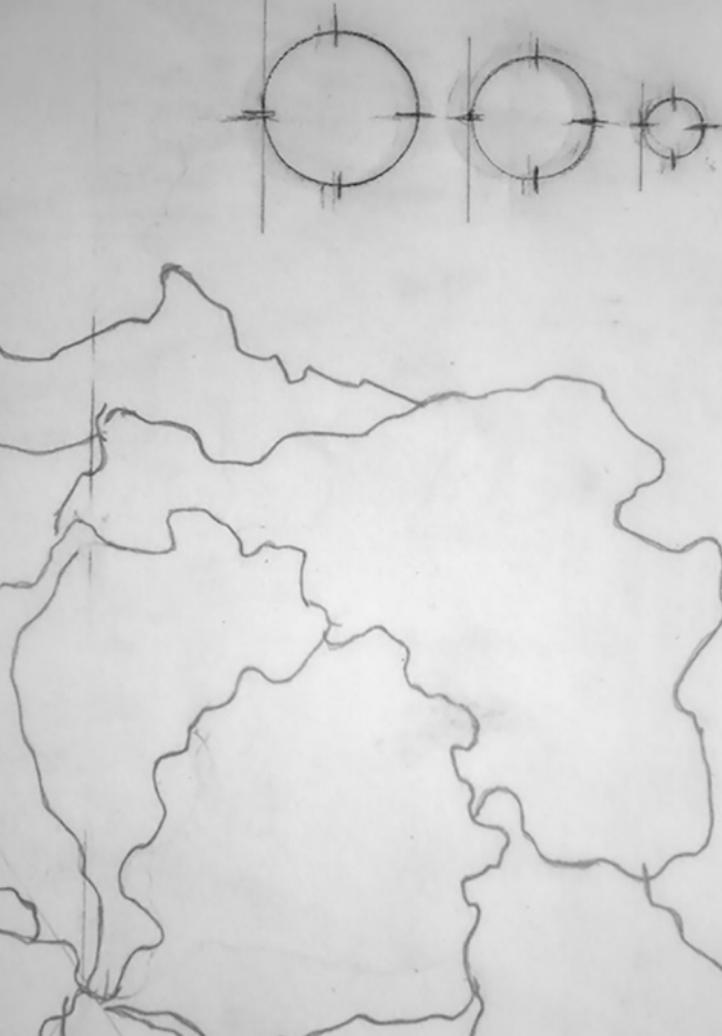
Pós-graduada em Artes Visuais pela Universidade Feevale em Pintura, Desenho e Instalação em 2012 e formada em arquitetura e urbanismo pela UFRGS em 1990. Interessada em abstração, na conjugação do lógico e do sensível, transita entre os polos usando geometria e sistemas como base de trabalho. Utiliza em sua pesquisa poética a repetição de linhas e formas em camadas múltiplas para sugerir profundidade e movimento, bem como experimenta a presença do tempo do processo e do espectador. Realizou exposições em instituições culturais e museus no Brasil e no exterior, possui obras em coleções contemporâneas. Vive e desenvolve seu trabalho artístico em Porto Alegre/RS.

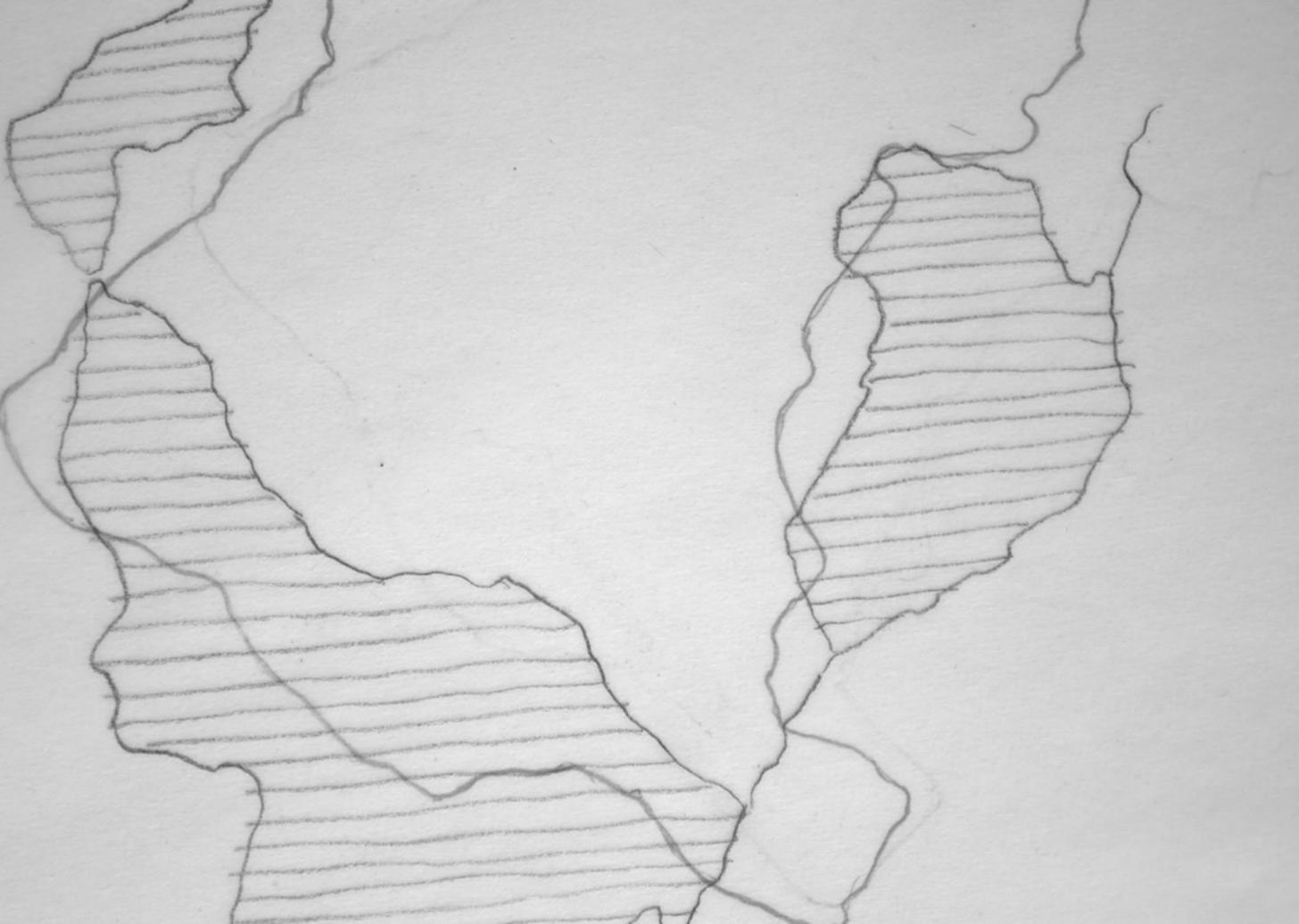
Limite: linha que determina uma extensão espacial ou que separa duas extensões.

Na residência Ações, Pressões e Impressões desenvolvi uma série de gravuras em metal que apontam para bordas e limites. São obras que percorrem com sinuosidade o perímetro de nosso território, levam a pensar em mapas como instrumento de orientação, com suas convenções e sistemas de representação, bem como o desenho que espacializa e nos localiza. O formato de livro de artista que escolhi vem de lembranças de páginas de livros escolares de geografia, sugerindo a urgência de apreender um lugar. Podemos olhar de fora, nos colocar na posição de estrangeiros que percorrem novas direções? Este trabalho surge do pensamento sobre o país, no qual experimento sua forma, redesenho. Contorno para tentar aprender seus limites.











LUANA ALT

Artista visual e mestranda na linha de Processos Artísticos Contemporâneos pela UDESC, onde integra o grupo de pesquisa Proposições Artísticas Contemporâneas e seus Processos Experimentais. Investiga processos de escrita e articulações entre arte e natureza em publicações e livros de artista, participando de diversas feiras gráficas pelo país.

Tenho na natureza um dos meus interesses e é o tempo prolongado e íntimo com o mato que me produz encantamentos e possibilita descobertas que recentemente começaram a ser articuladas em produções entre arte e natureza. Afastada dos grandes centros urbanos, caminho, observo, fotografo e coleto pequenas manifestações de vida — como os cogumelos, que foram o motivo dos trabalhos da residência. Neles apresento cogumelos que não estão de prontidão para serem vistos e, como é próprio do reino fungi, só se revelam com atenção e exploração do olhar.









LUIZA REGINATTO

Mestre em Artes Visuais na linha de processos artísticos contemporâneos pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Estudou Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre. Em seu trabalho se desdobram relações entre memória e ativação de paisagens reais e imaginárias materializadas em meios múltiplos. Pesquisa recursos gráficos, texto, instalação e as relações do corpo no espaço. Entre suas principais exposições destacam-se as individuais Como conter horizontes (2018) na Casa de Cultura Mario Quintana em Porto Alegre e O mar distrai (2022) na Sala Edi Balot em Criciúma. Integrante do Grupo de Pesquisa Expressões do Múltiplo – UFRGS – CNPq.

Todo ano começo um diário que só dura um dia – uma escrita solvente: folhas de papel finíssimas desacomodam os trinta ou trinta e um dias dos meses de agosto, setembro, outubro e novembro, período da minha última passagem por Porto Alegre.

O tempo se desdobra em um livro que é construído por quatro pilhas de papel, onde os dias se desfazem em frases breves impressas com tinta vermelha.

LUGAR



ESPAÇO



TEMPO

ILUSÃO

**GRAVURA E PUBLICAÇÕES DE ARTISTA
COMO PRÁTICAS GREGÁRIAS**

Um dos motivos que me fez permanecer retornando ao ateliê de gravura ao longo desses anos é por ele ser um espaço que favorece práticas gregárias. Nós praticantes de gravura necessariamente dividimos, pelo menos em nossos anos mais formadores, o espaço de trabalho, ao redor das prensas, bacias com mordentes, pedras para litografia, secadores de papel e tantas outras parafernálias que abrem possibilidades de exploração gráfica e poética.

Nesses espaços, trabalhos e estudos costumam estar lado a lado. Processos e experimentações são compartilhados, mesmo que de maneira indireta. Estamos expostos aos procedimentos, erros e acertos, descobertas, uns dos outros. A esse respeito, gosto muito de um texto bastante afetivo sobre práticas de desenho, de Guto Lacaz, que narra a sensação de ver seu vizinho desenhando e ser contagiado, como que por osmose, por um interesse e alegria pelo ofício: “Adorava ver meu vizinho Ruy Pedreira desenhar. Ele desenhava o que pedíamos. Com caneta-tinteiro, direto, sem errar! Colecionava seus desenhos e – claro! – queria desenhar como ele” (LACAZ, 2007, p. 259). Esta presença da prática muitas vezes amplia aquilo que percebemos como possibilidades dentro de uma determinada técnica ou meio de expressão, ativando o impulso de criação quando este reverbera com modos de ver, fazer e desejar.

Dessa forma, é bastante comum, quando somos bem-sucedidos em construir ambientes agradáveis de trabalho, que englobam cooperação e afeto, a troca de impressões – não só no sentido de perspectivas, mas também de cópias físicas dos trabalhos desenvolvidos. Ao realizarmos uma tiragem e, assim, dar corpo e multiplicar a imagem, muitas vezes trocamos alguma dessas cópias com outros artistas que frequentam o mesmo ateliê.

Com o tempo, construímos uma pequena coleção (como os desenhos de Ruy Pedreira, colecionados por Lacaz) que desenha também uma trajetória: com quem convivemos, aprendemos, nos aproximamos, caminhamos junto, admiramos. De certa forma, essa coleção pessoal - facilitada por se tratar de trabalhos primordialmente bidimensionais, que se adequam com tranquilidade a uma gaveta ou pasta de dimensões modestas - é constituída por uma série de vestígios de marcas e experiências que, tal qual matrizes, atestam uma forma de presença e contato em um determinado momento.

Atualmente encontro-me longe da minha coleção, mas lembro agora de algumas presenças ilustres: ex-colegas de faculdade, cuja presença vívida no ateliê ainda reverbera de pequenos pedaços de papel impressos. Estão ainda a meu alcance,

independente da finitude da presença, as paisagens xilográficas do centro histórico de Pelotas cultivadas por Adrian Nörnberg, os panfletos-manifestos de Felipe Povo que transitavam entre o grafite e a serigrafia, impressões de experimentos de amigos não necessariamente atuantes ou pesquisadores do campo das artes, persuadidos a me acompanhar em incursões por aquele espaço e acabaram por deixar também suas marcas no modesto acervo, e também uma gravura da minha primeira orientadora de mestrado, a artista e professora Maria Lucia Cattani, com os dizeres “mais tempo no espaço” - o espaço, nesse contexto, significando o ateliê, seja lá o que essa palavra signifique dentro da diversidade de práticas da contemporaneidade, para cada artista.

De forma semelhante, trocamos impressões ao final das feiras de publicações de artista, talvez por, muitas vezes, as pessoas envolvidas com publicações de artista possuírem vivências significativas nesses ateliês coletivos de gravura. Frequentemente estas publicações incorporam técnicas de impressão ou modos de pensar a imagem oriundos do campo da gravura.

A pequena coleção pessoal de impressos independentes, ou biblioteca de edições de artista, circula entre amigos, em sala de aula e, por ser portátil, abre outras

possibilidades de visibilidade, que a própria gravura enquanto múltiplo nem sempre alcança. Lembro de certa vez reencontrar ao acaso uma conhecida que, ao me ver, puxou de um bolso na carteira um mini livro de artista de minha autoria, adquirido por ela na semana que nos conhecemos, anos antes, num seminário internacional de pesquisa. Costumo levar comigo exemplares de múltiplos a eventos onde a arte se encontra sobreposta a outros campos e acontecimentos, o que abre outros caminhos para fazer circular o trabalho, através de pessoas, coletivos e discussões que escapam ou tangenciam ao universo do campo da arte. A publicação de artista possibilita um rompimento com esses caminhos autofágicos de circulação da produção, tantas vezes restrita a um universo de especialistas. Quais caminhos traçados pelo humor, pelo ativismo, podem ser atravessados por esses livros que cabem em um bolso, que passam de mãos em mãos?

Geralmente nossa relação com os objetos de arte se dá por situações temporárias (exposições, acontecimentos, performances) ou indiretas (fotografias, reproduções). A renovada força das publicações de artista nos últimos anos, afirmada pelas inúmeras e crescentes feiras pelo Brasil e pelo mundo, passa pelo interesse por um objeto de arte acessível, que viabiliza a criação do mini acervo, uma pulverização que alcança um público não necessariamente especialista, mas que se identifica,

e quer conviver com o trabalho de uma forma mais presente, íntima. Poderíamos pensar a gravura “Mais tempo no espaço”, de Maria Lucia Cattani, para além da persistência no espaço de trabalho criativo pelo artista, como também mais tempo no espaço de fruição que nos proporcionam as publicações de artista.

Referências

DA ROCHA, Michel Zózimo. *Estratégias expansivas: publicações de artistas e seus espaços moventes*. Porto Alegre: Edição do autor, 2011.

LACAZ, Guto. Desenho. In: DERDYK, Edith (org). *Disegno. Desenho. Desígnio*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2007.

Alice Porto
Palestrante

Artista Visual. Doutora e Mestre em Artes Visuais pela UFRGS com estágio na Katholieke Universiteit Leuven, em Bruxelas, Bélgica. Professora substituta no Instituto de Letras e Artes da FURG. Pesquisadora integrante do Grupo de pesquisa Expressões do múltiplo UFRGS—CNPq.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Carlos Mendes
Pró-reitora de Extensão Adelina Mezzari

INSTITUTO DE ARTES

Diretor Raimundo Cruz
Chefe Departamento de Artes Visuais Jéssica Becker
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes
Visuais Teresinha Barachini

MUSEU DO TRABALHO

Coordenador Hugo Rodrigues

© dos autores

1ª edição 2023

Projeto gráfico e arte

Luiza Reginatto

Fotografias

Laura Bittencourt, Mayara de Lima e Sara Winckelmann

Marcavvisual Editora e Projetos Culturais Ltda.

www.marcavvisual.com.br

Conselho Editorial

Airton Cattani – Presidente

Doutor em Informática na Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brasil

Adriane Borda Almeida da Silva

Doutora em Filosofia e Ciências da Educação
Universidade de Zaragoza/Espanha

Celso Carnos Scaletsky

Doutor em Ciências da Arquitetura
Instituto Nacional Politécnico de Lorraine/França

Denise Barcellos Pinheiro Machado

Doutora em Urbanismo
Universidade de Paris XII/França

Marco Antônio Rotta Teixeira

Doutor em Psicologia
Universidade Estadual Paulista/Brasil e Universidade de Paris VII/França

Maria de Lourdes Zuquim

Doutora em Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo/Brasil

A253 Ações, pressões e impressões: residências artísticas no Museu do Trabalho / Maristela Salvatori (Org.). – Porto Alegre: Marcavisual, 2023.
60 p.: il. color.

ISBN 978-65-89263-54-8 (impresso)

ISBN 978-65-89263-55-5 (digital)

1. Artes visuais. 2. Livro de artista. 3. Arte impressa.
4. Arte contemporânea. I. Salvatori, Maristela. II.
Winckelmann, Sara. III. Porto, Alice.

CDU 7.039

Sheila Irribarem de Mello Bott – CRB 10/38

Realização: Museu do Trabalho e Grupo de Pesquisa Expressões do Múltiplo UFRGS-CNPq

Apoio: PPGAV/IA/UFRGS

PROREXT/UFRGS







**MUSEU DO
TRABALHO**

